

DEIDEIA / DELL'IDEA

António Correia

Traduzione e cura di Michela Graziani

António Correia

Michela Graziani, University of Florence, Italy, michela.graziani@unifi.it, 0000-0003-3268-3240

Referee List (DOI 10.36253/fup_referee_list)

FUP Best Practice in Scholarly Publishing (DOI 10.36253/fup_best_practice)

António Correia, *Deideia / Dell'idea*, translation and edition by Michela Graziani, © Author(s), CC BY 4.0, DOI 10.36253/979-12-215-0173-5.05, in António Correia, *Traduzione di Deideia / Dell'idea e Amagao meu amor / Macao amore mio. Omaggio al poeta*, Michela Graziani, Anna Kowalska-Tylusinska (edited by), pp. 43-153, 2023, published by Firenze University Press, ISBN 979-12-215-0173-5, DOI 10.36253/979-12-215-0173-5

DEIDEIA
(Sonetos)

DELL'IDEA
(Sonetti)

DEIDEIA

DEDICATÓRIA

Ao

Exmo. Desembargador

Doutor Joaquim Maria Coutinho Salvador Figueiredo,
Luso-Goês, cujas contagiantes qualidades humanas e
sensibilidade artística são bem a referência do espírito
desta obra.

O autor

DEDICA

All'

Egregio e Onorevole

Dott. Joaquim Maria Coutinho Salvador Figueiredo,
luso-goense, le cui contagiose qualità umane, insieme alla
sensibilità artistica, indicano il riferimento dello spirito
di questo lavoro.

L'autore

RECORDANDO A HISTÓRIA

“Na manhã seguinte, depois da missa, acompanhados em procissão pelo rei e pelo povo, empunhando círios e entoando cânticos, dirigiram-se todos para os batéis imóveis, abicados na praia, e que a água lambia com ondinhas vítreas.

O sol deslumbrava; vibrava o ar; caíam dos topes, preguiçosamente, os galhardetes e os pendões. Ajoelharam; o vigário da casa, alçado, lançou a todos a absolvição. Depois, vogaram cadenciados os batéis para as naus; acabaram, subiu a gente. Da praia viram os navios ‘fazer cabeça’, enfunarem as velas com a cruz de Cristo, velejarem suaves sobre as ondas claras, afastando-se, diminuindo, desaparecendo, enquanto os de terra os olhavam chorando, com a alma suspensa e atassalhada de angústias...

Depois de dez meses de oceano e África, quedavam-se pasmos, em êxtase, diante os esplendores orientais. Embriagava-os a luz; em todas as coisas circundantes sentiam um fulgor de pradarias; e dentre os (mouros) que passavam em barcos partiu alegre uma voz cantante, saudando-os na fala de Portugal: (Boa ventura, boa ventura! Muitos rubis! Muitas esmeraldas!).

‘Mouros’ era o nome que davam os nossos a um acervo de populações – árabes e etíopes, persas, turcomanos, afegãos – que, descidos do mar Roxo e do Golfo Pérsico, dominavam no litoral da Índia e da África Oriental, e exerciam o monopólio do comércio marítimo. Estendendo-se para o Extremo Oriente, iam até as Molucas, navegando pelas costas do Aracão e do Pegu, da Birmânia e do Sião, de Java e de Bornéu, e através das pequenas ilhas do arquipélago de Sonda. Os Portugueses eram, para esses ‘mouros’, pretendentes que os vinham despojar: e despojá-los não só a eles, mas também aos povos que para o norte continuavam o seu comércio: o egípcio e o veneziano”.

António Sérgio

Breve interpretação da história de Portugal, pp. 60-62.

“A expansão teve outro alcance, por constituir uma visão ecuménica que permitiu aproximar raças e credos diferentes, na afirmação do poder criador do homem português, que sobe transmitir os valores do espírito que definem a mensagem latina e cristã”.

Joaquim Veríssimo Serrão

História de Portugal, vol. III, p. 98.

RICORDANDO LA STORIA

“Il giorno seguente, dopo la messa, accompagnati in processione dal re e dal popolo, impugnando ceri e intonando canti, si diressero tutti quanti verso le barche immobili, approdate sulla spiaggia e che l’acqua lambiva con ondine vitree.

Il sole splendeva; l’aria vibrava; gagliardetti e stendardi cadevano pericolosamente dalle cime. Si inginocchiarono; il vicario della casa, in piedi, lanciò a tutti l’assoluzione. Poi, le barche si diressero cadenzate verso le navi; attraccarono e le persone salirono. Dalla spiaggia videro le navi gonfiare le vele con la croce di Cristo, veleggiare leggere sulle onde chiare, allontanandosi, rimpicciolendosi, scomparendo, mentre quelle a terra le guardavano piangendo con l’anima sospesa e lacerata di angosce...

Dopo dieci mesi di oceano e Africa si fermavano sbalorditi, in estasi, davanti agli splendori orientali. Li inebriava la luce; in ogni cosa vicina a loro sentivano il fulgore delle praterie, e tra i mori che transitavano sulle barche, partì allegra una voce canora, che li salutava in lingua portoghese: buona fortuna, buona fortuna! Molti rubini! Molti smeraldi!

“Mori” era il nome che i nostri davano a un coacervo di popoli – arabi, etiopi, persiani, turcomanni, afgani, – i quali arrivando dal Mar Rosso e dal Golfo Persico, dominavano sul litorale dell’India e dell’Africa orientale ed esercitavano il monopolio del commercio marittimo. Diffondendosi in Estremo Oriente si spingevano fino alle isole Molucche, navigando lungo le coste di Arcan e di Pegu, della Birmania e di Siam, di Giava e del Borneo, attraverso le piccole isole dell’arcipelago di Sonda. I portoghesi erano, per questi “mori”, i pretendenti che li venivano a spodestare; spodestando non solo loro ma anche i popoli che a nord continuavano il loro commercio: egiziani e veneziani”.

António Sérgio

Breve interpretação da história de Portugal, pp. 60-62.

“L’espansione ha avuto un altro obiettivo, quello di costruire una visione ecumenica che ha permesso di avvicinare razze e credi diversi, nell’affermazione del potere creatore dell’uomo portoghese che ha saputo trasmettere i valori dello spirito che definiscono il messaggio latino e cristiano”.

Joaquim Veríssimo Serrão

História de Portugal, vol. III, p. 98.

NÓTULA

Quando, em Agosto de 1989, desembarquei em Dabolim, esperava apenas a água, o sol, as palmeiras e o conforto de um hotel de luxo, prometidos nos folhetos do agente de viagens.

Acompanhado da família e de um grupo de amigos, longe de mim a ideia de levar as musas na bagagem, porque escrever é um acto tão solene e tão íntimo que o mais leve passo à minha volta me quebra o idílio.

Da presença portuguesa na Índia, julgava saber o suficiente das muitas leituras a que gostosamente me entreguei na infância, sob a batuta de dois magníficos mestres de história, um dos quais marxista assumido, mas profundamente tolerante, que me ensinou a destruir, na mente, os mitos dos impérios.

Ao contrário de Miguel Torga, não me julgo, nem nunca me julguei, ser “o descendente infeliz de uma raça heróica e absurda, que senhoreou o mundo, e nada agora por ele a cabo a matar saudades”. Entendo-me, sim, orgulhoso co-herdeiro de uma cultura universalista, osmoticamente gerada ao longo de séculos, que é o mais saboroso e único eterno fruto da generosa aventura de nossos avós de Quinhentos.

Ir à antiga Índia Portuguesa, era apenas mais um destino para quem, como eu, tem o privilégio de conhecer todos os continentes, com a excepção do gélido Antárctico. De resto, não seria nenhuma novidade encontrar resquícios da presença humanista de Portugal, pois já vira, mundo fora, pessoas que se reclamam de luso-descendentes, por vezes sem qualquer traço étnico aparente, mas presas, por ténues laços linguísticos e pelos seus próprios nomes, a uma ideia mítica de ancestralidade de glória. Sobretudo, a minha experiência africana desfizera-me qualquer dúvida sobre o carácter ecuménico da nossa gente, pois pude comparar o integralista conviver português com o segregacionista colonialismo belga, inglês e sul-africano.

É certo que, de há largos anos, tinha amigos de origem goesa, mas eles sempre me falaram da sua terra como o transmontano, o minhoto, o alentejano, o beirão, o estremenho, o ribatejano ou o algarvio falam da sua. Nada que sobremaneira me aguçasse a curiosidade, salvo a de saborear uma carilada à maneira, que é um prato que sempre me pôs mais guloso do que um bom cozido à portuguesa, e este é o meu favorito na culinária nacional.

Ia assim este mortal, tão turista em terra alheia, quando de súbito, é atingido por um invisível raio eléctrico que o põe em convulsão. Eram as musas a protestar contra o ócio da pena, quando os olhos e a alma já transbordavam de cor e de emoção, perante tantas imagens espontâneas, da terra e das gentes, a alfinetarem a memória adormecida.

Desse íntimo êxtase genesíaco, fica neste livro uma pálida amostra, porque a pena não conseguiu reproduzir a beleza dos poemas germinados em cada instante.

Com surpresa minha, Miguel Torga confessou ter perdido muito da sua “dimensão lusíada” em três dias que estive em Goa; eu ganhei-a, logo no primeiro instante, e confirmei, nos dias que se seguiram, que, se não fosse o sonho da Índia, Portugal seria apenas mais um dos povos hispânicos dominados por Castela. Vá lá a gente entender o Criador! A ele, favoreceu-o no estro; a mim, deu-me outro olhar!

Deo gratias!

António Correia

* in *Diário XV*, p. 44.

POSTILLA

Quando nell'agosto del 1989 sbarcai a Dambolim, pensavo di trovare solo acqua, sole, palme e il conforto di un albergo di lusso, promessi nel depliant dell'agenzia di viaggio.

Accompagnato dalla mia famiglia e da un gruppo di amici, era lontana da me l'idea di portare le muse nel bagaglio, perché scrivere è un atto così solenne e così intimo che il più piccolo passo attorno a me, rompe l'idillio.

Della presenza portoghese in India credevo di conoscere quanto bastava dalle molte letture in cui mi ero piacevolmente infilato durante l'infanzia, grazie alla guida di due magnifici maestri di storia, uno dei quali marxista ma profondamente tollerante che mi insegnò a distruggere, nella mente, i miti degli imperi.

Diversamente da Miguel Torga, non mi ritengo e nemmeno mi sono mai ritenuto di essere "l'infelice discendente di una razza storica e assurda che ha dominato il mondo e che ancora va a uccidere *saudades*". Mi ritengo, invece, orgoglioso coerede di una cultura universalista, osmoticamente generata nel corso dei secoli che è il più piacevole e il solo eterno frutto della generosa avventura dei nostri antenati del Cinquecento.

Andare nell'antica India portoghese era solo una meta per chi, come me, ha il privilegio di conoscere tutti i continenti, ad eccezione del gelido Antartico. Del resto non sarebbe una novità trovare delle tracce della presenza umanistica del Portogallo in quanto erano già note, fuori dai confini, persone che rivendicano di essere luso-discendenti, a volte senza alcun tratto etnico apparente, ma unite, da tenui legami linguistici e dai propri nomi, a un'idea mitica di ancestralità della gloria. Soprattutto la mia esperienza africana aveva annullato ogni dubbio circa la natura ecumenica della nostra gente, poiché ho potuto comparare l'integralista modo di convivere portoghese con il segregazionista colonialismo belga, inglese e sudafricano.

Quel che è certo è che da molti anni avevo amici di origine goense, ma loro mi parlavano sempre della propria terra come il trasmontano, il minhoto, l'alentejano, il beirense, l'estremenho, il ribatejano, l'algarvio mi parlano della loro. Niente che in qualche modo mi stimolasse la curiosità, eccetto gustare con piacere una *carilada à maneira* che è un piatto che mi ha sempre stuzzicato l'appetito più del buon *cozido à portuguesa*, e questo è il mio piatto preferito dell'arte culinaria nazionale.

Questo comune mortale andava così, turista in terra straniera quando all'improvviso è raggiunto da un invisibile raggio elettrico che lo mette in crisi. Erano le muse che protestavano contro l'ozio della penna, quando gli occhi e l'anima trasbordavano ormai di colore e di emozione davanti a tante immagini spontanee della terra e delle persone, da stimolare la memoria addormentata.

Di questo intimo estasi genesiaco resta nel presente libro un pallido esempio, perché la penna non è riuscita a riprodurre la bellezza delle poesie germogliate ad ogni istante.

Con mia sorpresa, Miguel Torga confessò di aver perduto molto della sua "dimensione *lusiada*"* nei tre giorni trascorsi a Goa; io l'ho acquisita subito, dal primo istante, ed ho confermato nei giorni successivi che se non fosse per il sogno dell'India, il Portogallo sarebbe solo uno dei popoli iberici dominati da Castiglia. Vai a capire il Creatore! Lui lo ha favorito nell'estro, quanto a me, mi ha dato un altro modo di vedere le cose!

Deo gratias!

António Correia

* in *Diário XV*, p. 44.

I
PRELÚDIO

I
PRELUDIO

A CAPITAL

Goa por capital, o Império feito;
Baçorá, Ormuz, Diu, Malabar;
Damão, Ceilão, além a navegar;
virada África, mundo sempre a eito!

Maldivas e Malaca, todo o Estreito;
Singapura, Ternate, Macassar;
longe, Timor, até Austrália achar
e o Japão, com Macau, por parapeito.

Goa, Goa Dourada, luz, Lisboa!
Caldeira cultural sempre em mistura,
semente de outra Ideia que alto voa!

Não mais escuridão p'ra qualquer povo!
Pela luz do saber, pela abertura,
se gerou, neste encontro, um Mundo Novo!

LA CAPITALE

Goa per capitale, l'Impero fatto;
Bassora, Ormuz, Diu, Malabar;
Daman, Ceylon e oltre, a navigare;
superata l'Africa, il mondo sempre di seguito!

Maldiva e Malacca, tutto lo Stretto;
Singapore, Ternate, Macassar;
più lontano Timor, fino ad arrivare in Australia
e il Giappone, con Macao come parapetto.

Goa, Goa Dorata, luce, Lisbona!
Generatore culturale sempre ibrido,
seme di un'altra Idea che vola in alto!

Mai più oscurità per nessun popolo!
Per la luce del sapere, per l'apertura,
si generò, da questo incontro, un Mondo Nuovo!

A NOSSA VOZ

Perscrutando o passado, encontro o mito
do tempo que tem musgo na memória.
Com que ideia ou que bruma é feita a história
do silêncio de tudo em que acredito?

Em que aragem ou sombra abafou o grito
dessa imagem de nós, provocatória?
Realeza desfeita em pó, glória
do que fomos, é sonho vão, proscrito.

Mas do fundo da alma, algo nos fala,
como palha do berço em que nascemos,
como parte de nós que nos abala.

Descobrimos que não estamos sós;
que os demónios ou deuses que fizemos
inda dizem que são a nossa voz.

LA NOSTRA VOCE

Scrutando il passato trovo il mito
del tempo che ha muschio nella memoria.
Con quale idea o quale bruma è fatta la storia
del silenzio di tutto ciò in cui credo?

In quale brezza od ombra soffoco il grido
di quest'immagine di noi, provocatrice?
Regalità frantumata in polvere, gloria
di ciò che siamo stati è sogno vano, proscritto.

Ma, dal profondo dell'anima, qualcosa ci parla,
come paglia della culla in cui siamo nati,
come parte di noi che ci scuote.

Abbiamo scoperto che non siamo soli;
che i demoni o gli dei che abbiamo creato
dicono ancora che sono la nostra voce.

II
A TERRA GOESA

II
LA TERRA DI GOA

PAISAGEM

I

Imagens que passais pela retina
de meus olhos gulosos; que passais
da mente ao coração, onde quedais,
vós sois o oásis da Graça Divina.

Todo o azul, todo o verde vos anima;
rios e mar, palmares, arrozais;
ondulações de tons que, além do mais,
sois luz que pouco a pouco me domina.

De onde em onde, uma igreja se mistura,
pondo a beatitude na pintura,
p'ra lembrar que foi Deus que tudo fez,

até a gente hospitaleira e boa,
que espalhou aqui, nesta linda Goa,
e a quem deu um sentir bem português.

PAESAGGIO

I

Immagini che passate dalla retina
dei miei occhi avidi; che passate
dalla mente al cuore, dove cadete,
voi siete l'oasi della Grazia Divina.

Tutto l'azzurro, tutto il verde vi anima;
fiumi e mari, palmeti, risaie;
ondulazioni di toni che, al di là di tutto,
siete luce che poco a poco mi domina.

Di tanto in tanto una chiesa si mescola,
mettendo la beatitudine in pittura,
per ricordare che è stato Dio ad aver fatto tutto,

persino le persone ospitali e buone,
che ha sparso qui, in questa bella Goa,
e coloro che hanno un modo di sentire portoghese.

II

Azul e verde o mar; areia de ouro;
bendita é a sombra do coqueiro,
pois o sol, quando nasce, é um braseiro,
que vem fazer das praias um tesouro.

Corvos negros, aqui, são bom agouro;
comem peixe, e só peixe, o dia inteiro
e grasnam sem parar, lá na palmeira,
um cântico cristão, hindu ou mouro.

Paraíso na Terra! É a harmonia
que em nós vive, perene, noite e dia
e cresce, tem raízes, tem caboucos!

No amor universal, há um sentido,
não teórico, apenas só vivido,
como aqui, se há respeito pelos outros!

II

Azzurro e verde il mare; sabbia d'oro;
benedetta è l'ombra del cocco,
ecco il sole, quando nasce, è un braciere,
che fa delle spiagge un tesoro.

Corvi neri, qui, sono di buon augurio;
mangiano pesce e solo pesce per tutto il giorno
e gracidano senza fermarsi, là sulla palma,
un cantico cristiano, indù o moro.

Paradiso in Terra! È l'armonia
che vive in noi, perenne, notte e giorno
e cresce, ha radici, ha fondamenta!

Nell'amore universale, c'è un senso,
non teorico, solo vissuto,
come qui, se c'è rispetto per gli altri!

III

Por vales e colinas, me enebrio,
com o verde, só verde, e ao longe, o mar,
azulando o infinito e a navegar
p'lo céu, onde está preso por um fio!

Vou indo!...e há um lago e há um rio,
palmeira, mais palmeira, a bordejar;
pássaros que esvoaçam pelo ar
e cantam, cantam sempre, ao desafio.

Casa pobres, já velhas e perdidas,
mas há sorrisos, há fé p'las ermidas,
que Deus plantou aqui a sua Igreja.

E cada coisa ou rosto me diz tanto
que ponho as mãos, aos céus as alevanto;
louvado seja Deus, louvado seja!

III

Per valli e colline mi inebrio,
con il verde, solo verde, e lontano, il mare,
che rende azzurro l'infinito e a navigare
per il cielo, dove è appeso a un filo!

Sto andando!...e c'è un lago e un fiume,
una palma e un'altra palma che bordeggiano;
uccelli che svolazzano per l'aria
e cantano, cantano sempre, a gara.

Case povere, ormai vecchie e perdute,
ma ci sono sorrisi, c'è fede negli eremi,
perché Dio ha piantato qui la sua Chiesa.

Ed ogni cosa o volto mi dice tanto
che alzo le mani al cielo:
laudato sia il Signore, laudato sia!

IV

Casas, igrejas, templos! Imponente,
o ouro do passado se alevanta,
nas pedras de grandeza sacrossanta,
desafiando os ventos do presente.

Jóia do Império! Roma do Oriente!
Com os mitos que ergueste, Glória Santa,
uniste um povo cuja fé é tanta,
que tudo aceita piedosamente.

Daninha, a erva cresce p'las escadas
e aparece o negrume nas fachadas,
porque agora os recursos são pequenos.

O fervor da Fé, esse não abranda,
porque as almas, só Deus é quem comanda;
pouco importa que os meios sejam menos!

IV

Case, chiese, templi! Imponente,
l'oro del passato si alza,
nelle pietre di sacrosanta grandezza,
che sfidano i venti del presente.

Gioia dell'Impero! Roma d'Oriente!
Con i miti che hai innalzato, Gloria Santa,
hai unito un popolo la cui fede è tanta,
e tutto accetta piamente.

Dannosa, l'erba cresce per le scale
e appare l'oscurità sulle facciate,
perché adesso le risorse sono modeste.

Il fervore della Fede, questo non rallenta,
perché le anime è solo Dio a comandarle:
poco importa che i mezzi siano meno!

V

Uma igreja, uns casebres e palmeiras;
uma dúzia de vacas tão mansinhas,
à mistura com porcos e galinhas,
vivendo sem disputa de fronteiras.

Um punhado de gente sem canseiras!
Medram bichos e cocos com rezinhas,
que tudo é Deus que dá! E as avezinhas
só O louvam em suas palradeiras.

Água em volta, peixe p'ra pescar!
Quando há vontade, lança-se o anzol,
calmamente, e depois basta esperar!

Vida simples! Que mais será preciso,
para além desta paz e deste sol?
Ilha de S. Jacinto! Paraíso!

V

Una chiesa, delle baracche e palme;
una dozzina di vacche così docili,
un insieme di maiali e galline,
che vivono senza dispute di frontiera.

Una manciata di persone senza stanchezze!
Crescono insetti e cocchi con preghierine,
perché è Dio che dà tutto! E le nonnine
lodano solo Lui nel loro chiacchiericcio.

Acqua attorno, pesce da pescare!
Quando c'è volontà, si lancia l'amo,
con calma, e poi basta aspettare!

Vita semplice! Di cosa ci sarà bisogno,
oltre a questa pace e a questo sole?
Isola di S. Giacinto! Paradiso!

FONTAINHAS

O sol mais a palmeira na janela,
com um olhar azul, assim bendito,
pela cruz do beiral e pelo grito
do horizonte branco que vem dela.

A graça mora ali; cada ruela,
desenho de ternura em que medito,
é um poema aberto, tão bonito,
a que nem falta a benção da capela.

Passa um rosto a sorrir como quem ama,
e as vizinhas ao lado, a discutir,
transportam-me, em sonho, ao centro de Alfama,

porque as vozes que eu oiço, ladainhas,
são rosas de Camões, inda a florir,
no bairro de Pangim – as Fontainhas!

FONTANELLE

Il sole e la palma alla finestra,
con uno sguardo azzurro, così benedetto,
dalla croce della pensilina e dal grido
dell'orizzonte bianco che viene da lei.

La grazia abita lì; ogni vicolo,
disegno di tenerezza dove medito,
è una poesia aperta, così bella,
a cui non manca la benedizione della cappella.

Passa un volto che sorride come chi ama,
e le vicine di lato, a discutere,
mi trasportano, in sogno, nel centro dell'Alfama,

perché le voci che io sento, litanie,
sono le rose di Camões, non ancora fiorite,
nel quartiere di Pangim – le Fontanelle!

TEMPLOS HINDUS

Há tanta luz, no tanque iluminado,
porque hoje é dia de festividade!
Da torre majestosa, a divindade
vai 'spelhar-se no líquido sagrado!

Xantadurga venero, deslumbrado,
que eu não quero nenhuma inimizade
entre Siva e Vishnu. Minha vontade
é não ver nenhum deus mal humorado.

Em paz eu ando, em paz me vou,
por Manguexa ou Mahalsa; onde se reze,
é certo que com Deus ali estou.

Descalço meus sapatos, com respeito;
ajoelho, não quero ser herege;
ecuménico sou, sem preconceito.

TEMPLI INDÙ

C'è tanta luce, nella vasca illuminata,
perché oggi è giorno di festa!
Dalla torre maestosa, la divinità
si specchia nel liquido sacro!

Xantadurga venero, stupito,
perché io non voglio nessuna inimicizia
tra Shiva e Vishnu. Il mio desiderio
è non vedere nessun dio di mal umore.

Cammino in pace, in pace me ne vado,
per Manguexa o Mahalsa; dove si preghi,
è sicuro che con Dio li sto.

Tolgo le scarpe per rispetto;
mi inginocchio, non voglio essere eretico;
sono ecumenico, senza preconcetto.

III
ROSTOS

III
VOLT I

O SACRISTÃO

Guarda São Francisco Xavier;
foi sempre toda a vida sacristão;
sabe de cor, pois sabe, como são
as histórias dos santos. Quem vier,

reze ou não, deixe a esmola que quiser,
que ele explica, com grande devoção,
todo o segredo da religião,
e do profano, só se convier.

Sou português? Que bom! Volta a falar
como se conjugasse o verbo amar,
de repente, na língua de Camões,

procurando as vogais, as consoantes,
no sótão da memória, como dantes,
em busca das mais belas emoções!

IL SACRESTANO

Vigila S. Francesco Saverio;
per tutta la vita è stato sacrestano;
sa a memoria, dunque sa, come sono
le storie dei santi. Chi venga,

preghi o no, lasci un'elemosina se ha voglia,
perché lui spiega, con grande devozione,
il segreto di ogni religione
e del profano, solo se conviene.

Sono portoghese? Che bello! Riprende a parlare
come se coniugasse il verbo amare,
all'improvviso, nella lingua di Camões,

cercando le vocali, le consonanti,
nel solaio della memoria, come una volta,
alla ricerca delle emozioni più belle!

ENCONTRO

Começou por falar quase que a medo,
num português quebrado, já esquecido,
mas depressa acordou, espavorido,
que a palavra fluía, sem segredo.

E, como quem regressa do degredo,
contou, em pormenor, o que, vivido,
tem sido o seu sofrer. E, comovido,
com lágrimas nos olhos, ficou quedo.

Luso-Goês, Irmão abandonado,
de nada serve olhar para o passado,
porque o tempo não volta para trás.

Guarda apenas a ideia que me deste,
na frase repetida que disseste:
“Português, português é bom rapaz!”.

INCONTRO

Inizìò a parlare quasi con paura,
in un portoghese scomposto, già dimenticato,
ma si ridestò velocemente, impaurito,
la parola fluiva, senza segreto.

E, come chi ritorna dall'esilio,
raccontò, nei dettagli, ciò che, vissuto,
è stato il suo soffrire. E, commosso,
con le lacrime agli occhi, si calmò.

Luso-goense, Fratello abbandonato,
non serve a niente guardare al passato,
perché il tempo non ritorna.

Custodisci solo l'idea che mi hai dato,
nella frase ripetuta che hai detto:
"Portoghese, portoghese è un bravo ragazzo!"

PEDINTE

Sorte não tive, não, fui só pedreiro;
passei a vida inteira a construir
estradas, pontes, casas e a sorrir
por devoção ao santo padroeiro

da aldeia onde eu nasci, com um coqueiro
por testemunha e o sol p'ra me cobrir,
enquanto o mar rezava o meu porvir,
juntando a voz à do corvo agoireiro.

Gentio baptizado, vi Lisboa,
onde chorei, chorei, pela minha Goa,
dando meu corpo à ponte sobre o Tejo.

Agora estou aqui, velho e doente,
vagueando ao acaso. Não sou gente;
sou um pária, co'a morte por desejo.

MENDICANTE

Fortuna non ne ho avuta, sono stato solo muratore;
ho trascorso tutta la vita a costruire
strade, ponti, case e a sorridere
per devozione al santo patrono

del paese dove sono nato, con un cocco
per testimone e il sole per coprirmi,
mentre il mare pregava per il mio futuro,
unendo la voce a quella del corvo indovino.

Pagano battezzato, ho visto Lisbona,
dove ho pianto, per la mia Goa,
dando il mio corpo al ponte sul Tago.

Adesso sono qui, vecchio e malato,
vagando a caso. Non sono nessuno;
sono un paria, con la morte per desiderio.

SEBASTIÃO

Nasceu no Bogmalô. A Moçambique,
foi há mais de trinta anos. Português,
aprendeu-o co'a tropa este Goês
que sonha como o Infante D. Henrique.

Sorri de emoção. Pede que eu fique
ou que volte ao menos outra vez
p'ra falarmos do que Portugal fez
por esse mundo além. E, como um dique,

sustem as águas que nos olhos tem!
É da sua alma Lusa que lhe vem
o mito do país da devoção!

Vive no sonho, envolto em nevoeiro,
de ouvir, ao longe, o grito do gajeiro,
pois tem por nome até: Sebastião!

SEBASTIANO

È nato a Bogmalò. In Mozambico,
è stato più di trent'anni fa. Il portoghese,
lo ha imparato nell'esercito questo goense
che sogna come il principe Enrico.

Sorride d'emozione. Chiede che io rimanga
o che torni almeno un'altra volta
per parlare di quello che il Portogallo ha fatto
per questo mondo "oltre". E come una diga,

trattiene le acque che ha negli occhi!
È dalla sua anima Lusitana che proviene
il mito del paese della devozione!

Vive nel sogno, avvolto nella nebbia,
di ascoltare, da lontano, il grido del gabbiero,
poiché ha come nome: Sebastiano!

ÂNGELO RODRIGUES

Uma casinha no Alto Dabolim,
igual à duma aldeia portuguesa.
Para os amigos, sempre posta a mesa;
no altar, Jesus, Maria e um Querubim.

Acabo de chegar, mas foi assim,
cristamente, que me fez a surpresa
de mostrar o seu ninho, co'a riqueza,
de todos os sorrisos para mim.

Além do concaim, fala só inglês.
Nome: Ângelo Rodrigues! Português,
resta-lhe tudo o que há na sua fé!

De Portugal, sim, sabe que lhe veio
a religião, que é o seu esteio!
Por isso diz: Jesus de Nazaré!

ANGELO RODRIGUES

Una casetta ad Alto Dabolim,
uguale a quella di un paese portoghese,
per gli amici prepara sempre la tavola;
sull'altare Gesù, Maria e un Cherubino.

Sto per arrivare, ma è stato così,
cristianamente, che mi ha fatto la sorpresa
di mostrare il suo nido, con la ricchezza,
di tutti i sorrisi per me.

Oltre al concani, parla solo inglese.
Nome: Angelo Rodrigues! Portoghese,
tutto ciò che gli resta è nella fede!

Dal Portogallo sa che gli è arrivata
la religione, che è il suo pilastro!
Per questo dice: Gesù di Nazaré!

MUÇULMANA

I

Era velho o seu dono, de turbante;
seguia-o ela, dócil como um cão,
coberta com seu manto-aberração,
tapando tudo, até mesmo o semblante.

Açaimo sobre a boca, por diante
do símbolo da sua escravidão,
levantou-o ao de leve com a mão,
somente p'ra beber um refrescante.

Tímido, aquele gesto, tão sem jeito,
levou-me a imaginar seu corpo a eito,
como pecado a que não se resiste.

E foi assim que, pondo tudo ao léu,
eu bem vi, por debaixo do seu véu,
um rosto jovem, muito belo e triste.

MUSULMANA

I

Era vecchio il suo padrone col turbante;
lei lo seguiva docile come un cane,
coperta con il suo mantello-aberrazione,
che copre tutto, persino la fisionomia.

Bavaglio sulla bocca, avanti
al simbolo della sua schiavitù,
lo spostò leggermente con la mano,
solo per bere una bibita.

Timido, quel gesto, così senza attitudine,
mi ha portato a immaginare il suo corpo di seguito,
come il peccato a cui non si resiste.

Ed è stato così che, mettendo tutto allo scoperto,
io ho ben visto, sotto al suo velo,
un volto giovane, molto bello e triste.

II

Nascestes para servir, como um camelo,
o homem que comprou, por um punhado
de coisas vis, teu corpo feito escravo
e te põe na clausura sem apelo.

Tua vida é um fio de novelo,
ao capricho do dono, desfiado;
a tua alma existe, amordaçada,
sob o negro do árabico capelo.

Resignas-te, porém, ao teu destino!
Não tens lugar p'ró sonho do menino,
que desfolha, sorrindo, malmequeres!

Eu bem sei que te anima a tua fé,
mas nota que o Profeta Maomé
também tinha camelos e mulheres!

II

Sei nata per servire, come un cammello,
l'uomo che ti ha comprato, per una manciata
di cose vili, il tuo corpo reso schiavo
e ti mette in clausura senza appello.

La tua vita è un filo di gomitollo,
al capriccio del padrone, sfilacciato;
la tua anima esiste, imbavagliata,
sotto al nero del cappello arabo.

Rassegnati, dunque, al tuo destino!
Non hai posto per un sogno di bambino
che sfoglia, sorridendo, margherite!

Io so bene che ti anima la tua fede,
ma sappi che il Profeta Maometto
aveva anche cammelli e donne!

IV
VIBRAÇÕES

IV
VIBRAZIONI

A BANDA DO HOTEL MANDОВI

Toca a banda, na sala de jantar,
coisas que são de um tempo muito antigo;
parece um forte abraço, muito amigo,
co' a saudade presa ali no ar.

É da alma que sai esse cantar,
na língua que foi berço e foi abrigo,
e a emoção me vem e não consigo
uma lágrima terna disfarçar.

Corridinho, o malhão, o fado, o vira!
É um sopro da Pátria que respira
e que teima em ficar p'ra sempre aqui.

Como se o tempo p'ra nada contasse
e, sereno, o passado se hospedasse,
eternamente, no Hotel Mandovi.

LA BANDA DELL'HOTEL MANDOVI

Suona la banda, nella sala da pranzo,
cose che sono di un tempo molto antico;
sembra un grande abbraccio, molto amico,
con la *saudade* imprigionata lì nell'aria.

È dall'anima che esce questo cantare,
nella lingua che è stata la culla ed è stata riparo,
e l'emozione mi arriva e non riesco
a nascondere una tenera lacrima.

Popolaretto il *malhão*, il *fado*, il *vira*!
È un soffio della Patria che respira
e si ostina a restare per sempre qui.

Come se il tempo non contasse per niente
e, sereno, il passato soggiornasse,
eternamente all'Hotel Mandovi.

O MINÉRIO

Vou no comboio para Mormugão,
à espera do navio que me leve,
para um destino, que se não concebe,
o de ser transformado, no Japão.

Sou muito rico, valho um dinheirão;
tenho em mim ouro e prata, que só serve
p'rá bolsa doutra gente, muito em breve,
e os meus donos cá ficam como estão.

Chamam-me “maines”, mas já fui minério;
despejam-me, no porto, sem critério,
como coisa sem préstimo, nem lustro.

Não é p'ra isto que desci a serra;
quero ficar aqui na minha terra;
dar-me todo ao meu povo, como é justo.

IL MINERALE

Vado in treno a Mormugão,
in attesa della nave che mi porti,
verso una meta che non si progetta,
di essere trasformato, in Giappone.

Sono molto ricco, valgo molti soldi;
ho dentro di me oro e argento che serve solo
per la borsa di altre persone, molto presto,
e i miei padroni restano qua come sono.

Mi chiamano *maines*, ma già fui minerale;
mi scaricano al porto senza criterio,
come una cosa inutile, senza lucentezza.

Non è per questo che sono sceso dalla montagna;
voglio restare qui nella mia terra;
darmi tutto al mio popolo, come è giusto.

VAQUINHAS

São meigas, docemente angelicais,
passeando p'las ruas. Senhoras
do trânsito e da vida das pessoas;
indif'rentes à chuva e a tudo o mais.

Trabalho, não, que é coisa de animais
de baixa condição, e elas, credoras
de veneração, pois são portadoras
de todas as bençãos celestiais.

Comem feno ou papel; dormem ao sol;
quase não mungem, mas são muito belas
estas vaquinhas do mais alto escol!

Metade humano, metade divino,
o seu olhar me diz que foram elas
que aqueceram c'ó bafo o Deus Menino.

VACCHINE

Sono buone, dolcemente angeliche,
che passeggiano per le strade. Signore
del traffico e della vita delle persone;
indifferenti alla pioggia e a tutto il resto.

Lavoro, no, è cosa da animali
di bassa estrazione, mentre loro creditrici
di venerazione, sono portatrici
di ogni benedizione celestiale.

Mangiano fieno o carta; dormono al sole;
quasi non muggiscono ma sono molto belle
queste vacchine della più alta qualità!

Metà umano, metà divino,
il loro sguardo mi dice che sono state loro
a riscaldare con il fiato il Dio Bambino.

ARRULHO

Arrulha o pombo no alto da manhã;
a saudade vem e acorda o dia,
com sons marinhos de melancolia,
nas ondas que são novelos de lã.

É de um gesto, de tanta coisa vã,
que se constrói a fé com alegria!
Não quero a solidão por melodia,
que eu tenho n'alma o mito da manhã!

Mastros e velas! Livres, as gaivotas
esvoaçam na ideia de outras rotas,
enquanto labutam pelo pão.

Desponta o sol, sereno e altaneiro,
e eu, que tenho o mar por companheiro,
ponho um arrulho no meu coração!

MORMORIO

Tuba il piccione nel pieno del mattino;
la *saudade* arriva e sveglia il giorno,
con i suoni marini di malinconia,
nelle onde che sono gomitoli di lana.

È da un gesto, da tante cose vane
che si costruisce la fede con allegria!
Non voglio la solitudine per melodia,
io ho nell'anima il mito del mattino!

Alberi maestri e vele! Liberi, i gabbiani
svolazzano all'idea di altre mete,
mentre faticano per il pane.

Spunta il sole, sereno e altero
ed io, che ho il mare per compagno,
metto un mormorio nel mio cuore!

OLHOS VERDES

Grandes olhos rasgados, a beldade
de pele moreníssima, indiana,
neles punha um sorriso, que era chama,
alimentando a minha ansiedade.

Recordo-lhes a cor de verde jade,
cor que a palmeira tem na sua rama;
cor da esp'rança, conquista d'alma humana,
a apontar o caminho da verdade.

Era com eles que ela me falava,
palavras duma língua sem palavras,
que p'ra falar bastava o sentimento.

Mas o fulgor daquela linguagem
ficou dentro de mim como miragem,
dilacerando em vão o pensamento.

OCCHI VERDI

Grandi occhi a mandorla, la bellezza
della pelle scurissima, indiana,
in essi ha messo un sorriso che era fiamma,
alimentando la mia ansia.

Ne ricordo il colore verde giada,
colore che la palma ha sulla sua superficie;
colore della speranza, conquista dell'animo umano,
che indica il cammino della verità.

Era con essi che lei mi parlava,
parole in una lingua senza parole,
perché per parlare bastava il sentimento.

Ma il fulgore di quel linguaggio
è rimasto dentro di me come miraggio,
squarciando in vano il pensiero.

ANDA VER O MAR

Anda, meu amor, ver como brilha
a prata deste mar, em convulsão;
preenhe de peixe, quer mostrar, em vão,
o tesouro que nele refervilha.

Vem ver, meu amor, ver aquela ilha,
presépio que tem um coração,
a bater como o vento da monção,
que fustiga a palmeira, sua filha.

Vem ver o pescador a remendar
as redes do futuro que há-de vir,
quando este mar de bravo se fartar.

Escuta o mar, escuta o que delira,
arrancando do fundo do sentir,
feitos de quem lhe não temeu a ira.

VAI A VEDERE IL MARE

Vai, amore mio, a vedere come brilla
l'argento di questo mare, in subbuglio;
pieno di pesce, vuole mostrare, in vano,
il tesoro che in esso ribolle.

Vieni a vedere, amore mio, a vedere quell'isola,
presepe che ha un cuore,
che batte come il vento del monsone,
che sbatte la palma, sua figlia.

Vieni a vedere il pescatore che rammenda
le reti del futuro che dovrà arrivare,
quando questo mare selvaggio si stancherà.

Ascolta il mare, ascolta ciò che delira,
strappando dal fondo del sentire,
fatti di chi non gli ha temuto l'ira.

NA FOZ DO ZUARI

Abre a boca de tigre o Zuari,
mas tão manso, tão quedo, tão romântico
que a sua voz sussurra como um cântico,
ao de leve, chamando o Mandovi.

Serenos, os dois dão o nó ali,
frente ao Índico, em gesto giromântico,
desejando outra vez o mar Atlântico
regressado e embrulhado num sari.

Grandeza de outros tempos, no ar guardada;
quimera vã, sofrida bem por dentro
da memória triste, magoada.

Onde estais, caravelas, caravelas,
oceanos ligados no seu centro,
nesta boca de tigre, só, sem velas?!

ALLA FOCE DEL ZUARI

Apri la bocca di tigre il fiume Zuari,
ma così docile, così muto, così romantico
che la sua voce sussurra come un cantico,
con leggerezza, chiamando il Mandovi.

Sereni, i due si sposano lì,
di fronte all'Indiano, in un gesto giromantico,
desiderando un'altra volta il mare Atlantico
ritornato e avvolto in un sari.

Grandezza d'altri tempi, custodita nell'aria;
vana chimera, ben sofferta dentro
la memoria triste, ferita.

Dove siete, caravelle, caravelle,
oceani uniti al suo centro,
in questa bocca di tigre, sola, senza vele?!

MAGIA

Nas águas do rio Mandovi,
descanso o meu olhar enamorado
e vejo as caravelas do passado,
engalanando as velas por aqui.

Águas que passais, quedai! Ouvi
a voz que vem do vosso fundo ousado!
Espírito de súbito acordado,
Afonso de Albuquerque vem ali!

Brilha a espada, também a Cruz de Cristo!
Traz outra luz, outro esplendor benquisto;
vem com ele Camões, universal!

Vêm por bem, não trazem qualquer guerra!
Sonham trocar estrelas pela treva,
co'a magia de um nome: **Portugal!**

MAGIA

Nelle acque del fiume Mandovi,
riposo il mio sguardo innamorato
e vedo le caravelle del passato,
che agghindano le vele da qui.

Acque che scorrete, fermatevi! Ho udito
la voce che viene dal vostro fondo audace!
Spirito svegliato all'improvviso,
Afonso de Albuquerque viene lì!

Brilla la spada, anche la Croce di Cristo!
Porta un'altra luce, un altro splendore ben voluto;
viene con lui Camões, universale!

Vengono nel bene, non portano guerre!
Sognano di scambiare le stelle con le tenebre,
con la magia di un nome: **Portogallo!**

DANÇA DO FOGO

Andam duendes a bailar no ar;
mágica, a voz da noite entra na dança;
bailarinos rebolam sem parança,
c'ó fogo de permeio, a crepitar.

Arde, da barra ao chão, sempre a rodar;
da boca, ao braço, à perna, o lume avança;
o corpo é uma bola de criança,
sobre o fogo girando no palmar.

O mistério cresce em cada anca,
ginga, ginga e a perna é uma alavanca,
que salta, p'ra que o fogo não esqueça

de bailar, com a força da magia;
de pôr, na alma, o grito d'alegria,
sempre à espera que o êxtase aconteça!

DANZA DEL FUOCO

Vanno i demoni a ballare nell'aria;
magica, la voce della notte entra nella danza;
i ballerini si dimenano senza tregua,
con il fuoco nel mezzo che scoppietta.

Arde, dall'asta al suolo, sempre a ruotare;
dalla bocca al braccio alla gamba, il fuoco avanza;
il corpo è una sfera per bambini,
sul fuoco che gira nel palmeto.

Il mistero cresce ad ogni anca,
ginga, ginga e la gamba è una leva
che salta affinché il fuoco non si dimentichi

di ballare con la forza della magia;
di mettere, nell'anima, il grido dell'allegria,
sempre in attesa che l'estasi inizi!

CLARISSE

É de seda morena a pele nua;
falam-lhe os olhos, num sorriso doce,
conluídos co'a boca, que me trouxe
um olá tão sereno, como a lua.

Foi o instante que a mente perpetua
em pétalas de luz, como se fosse
o milagre do sol, nascendo moço,
num girassol, aberto sobre a rua.

Lembro-me da palmeira que me disse
o segredo do seu nome: **Clarisse**,
ao de leve, tremendo co'a ramagem.

E nada mais recorde, nem o mar;
só o lenço branco, ao longe, a acenar,
num adeus que se foi com a miragem...

CLARISSE

È di seta nera la pelle nuda;
le parlano gli occhi, in un dolce sorriso,
in combutta con la bocca che mi ha portato
un ciao così sereno, come la luna.

È stato l'istante che la mente tramanda
in petali di luce, come se fosse
il miracolo del sole che nasce giovane,
in un girasole, aperto sulla strada.

Mi ricordo della palma che mi ha detto
il segreto del suo nome: **Clarisse**,
con leggerezza, tremando con il ciuffo.

E non ricordo più niente, nemmeno il mare;
solo il lenzuolo bianco, lontano, che accenna
un addio che se n'è andato con il miraggio...

BOMBAIM

São mais de um milhão sem eira nem beira,
que se abrigam apenas com os lixos
ou dormem ao relento como bichos,
fazendo do luar a sua esteira.

Miséria das misérias! Estrumeira,
onde humanos e vermes, sem caprichos,
comem do mesmo pão, co'os olhos fixos,
no destino comum p'rá vida inteira.

Sem espaço, caga-se em qualquer chão
a merda que se limpa com a mão,
dia e noite, ao sol, à chuva, vergado.

Bombaim! Bombaim! É isto gente?!
Que parece à desgraça indiferente,
sem ter honras de postal ilustrado?!

BOMBAY

Sono più di un migliaio senz'arte né parte,
si riparano solo con i rifiuti
o dormono all'addiaccio come gli insetti,
facendo del chiaro di luna la loro stuoia.

Miseria delle miserie! Discarica,
dove gli umani e i vermi, senza capricci,
mangiano lo stesso pane, con gli occhi fissi,
nel destino comune per la vita intera.

Senza spazio, si caga in qualsiasi posto
la merda che si pulisce con la mano,
giorno e notte, al sole, alla pioggia, deformato.

Bombay! Bombay! Sono queste persone?!
Che sembrano indifferenti alla disgrazia,
senza avere onori da cartolina?!

V
SINAIS

V
SEGNI

PEDRAS DE VELHA GOA

São as pedras que falam, Velha Goa;
falam ao porvir, falam, dizem tudo
de um passado que teima em não ser mudo;
tem asas como águia e alto voa!

Sobre um tempo, sem tempo, que apregoa
a Glória do Império e sobretudo
a Grandeza da Fé, no conteúdo
da voz que nos habita e em nós ressoa!

Diálogo de surdos, magoado,
o sonho que foi Sonho, está deitado,
no Espírito Divino do Infinito!

Oh! Santos meus, de olhar angelical,
não vos caleis! Falai de Portugal,
como fala, soberbo, este granito!

PIETRE DELLA VECCHIA GOA

Sono le pietre a parlare, Vecchia Goa;
parlano all'avvenire, parlano, dicono tutto
di un passato che si ostina a non essere muto;
ha ali come l'aquila e vola in alto!

Su di un tempo, senza tempo, che proclama
la Gloria dell'Impero e soprattutto
la Grandezza della Fede, nel contenuto
della voce che ci abita e in noi risuona!

Dialogo tra sordi, sofferto,
il sogno che è stato Sogno, giace
nello Spirito Divino dell'Infinito!

Oh! Santi miei, dallo sguardo angelico,
non tacete! Parlate del Portogallo,
come parla, superbo, questo granito!

PÊRO DA COVILHÃ

Pelo sonho de D. João Segundo
Pêro da Covilhã foi em missão
à Etiópia do Rei Preste João
e, por ele, foi mais além no mundo.

Mercador, viandante, vagabundo;
Cananor, Calecute e Goa. Em vão,
procurou novas desse rei cristão,
que nos servisse contra o mouro imundo.

Todo o pó do caminho é sempre triste,
mas a fé de granito é imortal;
retempera o querer que não desiste.

Mais andara se vida mais houvera,
que quem manda, é El-Rei de Portugal
e, nele, manda Deus que, em tudo, impera.

PÊRO DA COVILHÃ

Per il sogno del re Giovanni II,
Pêro da Covilhã è stato in missione
in Etiopia dal re Prete Gianni
e per lui è stato ben oltre nel mondo.

Mercante, viaggiatore, vagabondo;
Cananor, Calicut e Goa. In vano,
ha cercato notizie di questo re cristiano,
che ci servisse contro il moro immondo.

Ogni polvere del cammino è sempre triste,
ma la fede di granito è immortale;
ritempra la volontà che non desiste.

Sarebbe andato oltre se ci fosse stata più vita,
chi ordina è il Re del Portogallo
e su di lui comanda Dio che in tutto, sovrasta.

VIAGEM DE VASCO DA GAMA

De Belém a Santiago, Santa Helena;
dobrao o Cabo, aberta a Esperança;
Natal e Moçambique, co'a bonança
por achar. Só a fé não é pequena!

Tormentas mil, Mombaça. Gente amena
em Melinde. Ahmad Majid que avança,
sem saber que fazia uma aliança,
contra a lei Maometana que o condena.

Mas eis já Calecute, a Índia à vista,
Índia sonhada rica em 'speciaria,
Índia mais de baptismo que conquista.

Aos mouros se faz a guerra; aos outros, não,
que a Gama bem lhe basta a feitoria
e poder contar c'um reino cristão.

VIAGGIO DI VASCO DA GAMA

Da Belém a Santiago, Sant'Elena;
doppiato il Capo, aperta la Speranza;
Natale e Mozambico con la prosperità
perché credeva. Solo la fede non è piccola!

Mille tormenti, Mombaça. Gente amena
a Malindi. Ahmad Majid che avanza,
senza sapere che avrebbe fatto un'alleanza,
contro la legge Maomettana che lo condanna.

Ma ecco Calicut, l'India in vista,
India sognata ricca di spezie,
India più di battesimo che di conquista.

Ai mori si fa la guerra; agli altri no,
a Gama gli basta l'avamposto
e poter contare su di un regno cristiano.

PRIMÓRDIOS

Com hindus se entenderam portugueses;
inimigo comum era a mourama
que manda no comércio e que tem fama
de sugar como pode os seus fregueses.

E querendo os Rajás ser bem corteses,
em feitoria, dão, p'ra ser a chama,
Cochim e Couvão, às gentes do Gama,
mais Cananor e S. Tomé. Revezes,

só da árabe intriga, que semeia
inimizades, ódio em todo o canto,
tempestades mil, conspurcando a Ideia.

Uma Ideia de paz, em toda a terra,
trocando e respeitando, porquanto
conquista d'almas não se faz com guerra.

ALBORI

Con gli indù si capirono i portoghesi;
il nemico comune erano i mori
che comandavano sul commercio e che hanno fama
di prosciugare come possono i loro clienti.

E volendo essere i Rajà ben cortesi,
nell'avamposto danno, per essere la fiamma,
Cochin e Coulan agli uomini di Gama,
oltre a Cananor e S. Tomé. Insuccessi,

solo dall'intrigo arabo che semina
inimicizie, odio dappertutto,
mille tempeste, inquinando l'Idea.

Un'Idea di pace in tutto il mondo,
scambiando e rispettando, poiché
la conquista delle anime non si fa con la guerra.

AFONSO DE ALBUQUERQUE

Por Cristo e por El-Rei de Portugal,
em guerras sobre guerras, sua espada
ergue ao mouro, na Ideia de cruzada;
morra o corpo, que a alma é imortal!

Ormuz, Goa, Malaca, por sinal;
Índico Mare Nostrum, tudo ou nada;
grandeza que será sempre aliada
perene duma Fé universal.

Bravo entre os bravos, fez da ousadia
um símbolo de força e de coragem,
chamamento de quem em Deus confia.

E, entre os Povos, dos Povos Capitão,
faz justiça e fermenta a mestiçagem,
já que, em tudo, ele punha o coração.

AFONSO DE ALBUQUERQUE

Per Cristo e per il Re del Portogallo,
in guerre su guerre, la sua spada
si erige sul moro, nell'Idea di crociata;
muoia il corpo, l'anima è immortale!

Ormuz, Goa, Malacca, come segno;
Indiano Mare Nostrum, tutto o niente;
grandezza che sarà sempre alleata
perenne di una Fede universale.

Valoroso tra i valorosi, ha fatto dell'audacia
un simbolo di forza e coraggio,
vocazione di colui che in Dio confida.

E tra i Popoli, dei Popoli Capitano,
rende giustizia e fermenta il meticcio,
visto che, in tutto, lui impugna il coraggio.

CAMÕES

I

Na tormenta da vida, de onda em onda,
espada e pena, sempre de mão dada,
ergueu a brisa em vento e trovoada,
ordenando que o estro lhes responda.

A palavra que aos deuses já não bonda
foi do sangue da Raça arrebatada;
estrofe renascida em cada nada,
para atingir os céus como uma sonda.

O Olimpo foi aqui na Velha Goa,
onde o Vate pariu a grande Ideia
de dar voz à trombeta que ressoa.

Naufrágios e prélios, monções,
a dar corpo, a dar alma à Epopeia,
que grita em cada verso de Camões.

CAMÕES

I

Nella tormenta della vita, di onda in onda,
spada e penna, sempre in mano,
ha innalzato la brezza a vento e tempesta,
ordinando che l'estro gli rispondesse.

La parola che agli dei non basta
è stata dal sangue della Razza rapita;
strofa rinata in ogni niente,
per raggiungere i cieli come una sonda.

L'Olimpo è stato qui nella Vecchia Goa,
dove il Vate ha partorito la Grande Idea
di dare voce alla tromba che risuona.

Naufrazi e battaglie, monsoni,
a dare corpo, a dare anima all'Epopea,
che grida in ogni verso di Camões.

II

A brisa na palmeira inda me fala
dum sonhador poeta, enamorado,
entre as grades do Tronco, por seu fado,
penando suas penas de magala.

A pérsica peleja e a de Bengala;
por Molucas ou China navegado;
de nada lhe serviu o braço dado,
que a pena, que é imposta, há que pená-la.

Só a pena não pena, porque está
a desenhar a mágoa do degredo
e a segredar que nunca acabará

Leonor, Dinamene ou formosura
trigueira de sari; amor-enredo,
em éclogas perenes de ternura!

II

La brezza nella palma ancora mi parla
di un poeta sognatore, innamorato,
tra le grate del Tronco, come suo destino,
soffrendo le sue pene di soldato.

La persica guerra e quella di Bengala;
per Molucche o Cina navigato;
a niente gli è servito il braccio certo,
la pena, che è inflitta, la deve patire.

Solo la penna non duole, perché sta
disegnando il dolore dell'esilio
e sussurra che non finirà mai.

Leonor, Dinamene o bellezza
bronzea di sari; amore-trama,
in egloghe perenni di dolcezza!

III

Fidalgos, capitães ou vice-reis,
boticários, célebres senhores,
o Poeta, entre vós, é dos maiores;
tem alma: sabe mais que vós sabeis.

Boémio soldado, vê-lo-eis
vagueando por Goa, entre cantores;
muito pobre, vivendo de favores,
como muitos falhados bacharéis.

Mas de todos e tudo: do tormento
das guerras e dos mares, pestes, fomes,
o Génio se formou como um portento

de sentimentos-sons, bravuras-tríadas,
em vagas sobre vagas, tão enormes
que fazem a grandeza d'Os Lusíadas.

III

Nobili, capitani o viceré,
speziali, egregi signori,
il Poeta, tra di voi, è dei migliori;
ha un'anima: sa più di quanto voi sappiate.

Soldato bohémien, lo vedrete
vagare per Goa, tra cantori;
molto povero, vivendo di favori,
come molti laureati falliti.

Ma tra tutti e tutto: dal tormento
dalle guerre e dai mari, peste, fame,
il Genio si è formato come un portento.

Di sentimenti-suoni, audacie-smistate,
in onde su onde, così enormi
che fanno la grandezza dei Lusiadi.

A NAU DO JAPÃO

De Goa, a grande Nau, a “nau do trato”,
com escala em Macau, ia ao Japão,
trocar o que valia um dinheirão:
porcelana, ouro e seda, pela prata.

No “grande barco negro” ia o mandato
conferido p’lo Pai da Criação:
pôr os povos em comunicação;
fazer do mundo um mundo mais sensato.

E por onde passava, se assumia
tal vontade, no abraço português,
sempre cheio de fé, de poesia.

Intercâmbio de luz e de riqueza,
a viagem da Nau foi quem nos fez,
de Goa e de Macau, toda a grandeza.

LA NAVE DEL GIAPPONE

Da Goa, la grande Nave, la “nave del traffico”,
con scalo a Macao, andava in Giappone,
a scambiare ciò che valeva una fortuna:
porcellana, oro, seta, con argento.

Sulla “grande barca nera” andava il mandato
conferito dal Padre della Creazione:
mettere i popoli in comunicazione tra loro;
fare del mondo un mondo più sensato.

E da dove passava, si assumeva
tale volontà, nell’abbraccio portoghese,
sempre ricco di fede, di poesia.

Interscambio di luce e ricchezza,
il viaggio della Nave è quello che ci ha fatto,
da Goa e Macao, la grandezza intera.

MEMÓRIAS

Palácios, solares, baluartes:
velhos abraços, traços de ternura;
símbolos espalhados na planura;
tempo que em nosso tempo se comparte.

Onde estão os fidalgos estandartes;
soldados, capitães em formatura;
os festins de elegância e de cultura,
cheios de vida e fomentando as artes?

Na memória do povo, no assombro
com que assume, garboso, como herança,
o passado que pesa no seu ombro.

E uma mística aragem salutar
paira em sinal de fé e de bonança
desde Diu, Damão, p'lo Malabar.

MEMORIE

Palazzi, manieri, baluardi;
vecchi abbracci, tratti di tenerezza;
simboli dispersi sulla pianura;
tempo che nel nostro tempo si condivide.

Dove sono i nobili stendardi;
soldati, capitani in schieramento;
le feste d'eleganza e di cultura,
piene di vita e che fomentano le arti?

Nella memoria del popolo, nello stupore
con cui assume, elegante, come eredità,
il passato che pesa sulle sue spalle.

E una mistica brezza salutare
aleggia in segno di fede e prosperità
da Diu, Daman verso il Malabar.

ARCO DOS VICE-REIS

Arco dos Vice-Reis, como padrão
da glória maior da epopéia;
sonho realizado pela Ideia,
tão sonhada p'la nossa inquietação.

Sereno se perfila, na função
de ser em cada noite a lua cheia;
de manter a memória que incendieia
a chama que se chama coração.

Símbolo, como mastro de bandeira,
vale como sinal sempre acordado,
sem temer sua hora derradeira.

Mesmo despido, longe do apogeu,
perecerá no chão, pois, destruído,
não irá caber em nenhum museu!

ARCO DEI VICERÉ

Arco dei viceré, come modello
di gloria maggiore dell'epopea;
sogno realizzato dall'Idea,
così sognata dalla nostra inquietudine.

Sereno si profila, ideato
per essere ogni notte la luna piena;
di mantenere la memoria che incendia
la fiamma che si chiama cuore.

Simbolo, come pennone di bandiera,
vale come segno sempre sveglio,
che non teme la sua ultima ora.

Anche spoglio, lontano dal suo apogeo,
morirà sul suolo, poiché, distrutto,
non si adatterà a nessun museo!

BAÇAIM

Tudo o que foi muralha em Baçaim
é agora raíz, heróica ossada,
resistindo sem medo à madrugada
do passado que teima em não ter fim.

A memória do tempo, que o capim
vai cobrindo de bruma esfrangalhada,
inda vive na cruz, já decepada,
nas pedras sem lugar p'ra espadachim.

Soldados, marinheiros, que nós fomos,
desfilam em sentido e são libelos
contra a mísera gente que hoje somos.

Sombras, vísceras, sonhos de outras eras;
que é do Povo que ergueu tantos castelos,
p'ra deixar só ruínas de quimeras?!

BAÇAIM

Tutto ciò che è stato cinta muraria a Baçaim
adesso è radice, eroica ossatura,
che resiste senza paura all'alba
del passato che si ostina a non avere fine.

La memoria del tempo, che la sterpaglia
copre di bruma sbrindellata,
ancora vive nella croce, ormai mozzata,
nelle pietre senza luogo per lo spadaccino.

Soldati, marinai che siamo stati,
sfilano sull'attenti e sono libelli
contro la misera gente che oggi siamo.

Ombre, viscere, sogni di altre epoche;
che ne è del Popolo che ha eretto tanti castelli,
per lasciare solo rovine di chimere?!

VI
RAÍZES

VI
RADICI

COMUNHÃO

I

A raiz mais profunda da cultura
que me corre nas veias, mora aqui,
nas almas e nas pedras; no que eu vi
de rosas, muitas rosas de ternura.

A palavra procuro, na lonjura
dos séculos passados por aí,
e um sussurro me vem do Mandovi,
cantando a saudade que perdura.

Sabor de terra e mar, sol, chuva e lua
e rostos, meus irmãos, tão iguais,
no sorriso que a Ideia perpetua.

A história é o que fica em comunhão;
modos, gestos, que são universais,
porque trocados com o coração.

COMUNIONE

I

La radice più profonda della cultura
che mi scorre nelle vene, abita qui,
nelle anime e nelle pietre; in ciò che ho visto
di rose, molte rose di tenerezza.

Cerco la parola, nella lontananza
dei secoli passati da lì,
e un sussurro mi viene dal Mandovi,
che canta la *saudade* che perdura.

Sapore di terra e mare, sole, pioggia e luna,
e volti, fratelli miei, così uguali,
nel sorriso che l'Idea si tramandi.

La storia è ciò che resta in comunione;
modi, gesti, che sono universali,
perché scambiati con il cuore.

II

Perante a Cruz de Cristo, eu ajoelho;
Filho Ungido de Deus, que foi menino
e pôs, em seu olhar diamantino,
do amor e do perdão, um lindo espelho.

Por Seu Nome e em Seu Nome, me aconselho
e sigo, entre procelas, meu destino
de nauta, aventureiro e peregrino,
que passou para além do Mar Vermelho.

Sou Gama ou Albuquerque ou Xavier;
sou nativo, mestiço ou descendente,
que comunga da fé como qualquer.

Por isso, minha alma é do tamanho
da Ideia universal de cada crente,
preso pela vontade ao seu rebanho.

II

Davanti alla Croce di Cristo, io mi inginocchio;
Figlio Unto da Dio che è stato bambino
e ha messo, nel suo sguardo diamantino,
d'amore e di perdono, un bellissimo specchio.

Per il Suo Nome e nel Suo Nome mi consulto
e seguo, tra burrasche, il mio destino
di navigatore, avventuriero e pellegrino,
che è passato al di là del Mar Rosso.

Sono Gama o Albuquerque o Saverio;
sono nativo, meticcio o discendente,
che comunica dalla fede come qualunque.

Per questo, la mia anima è della misura
dell'Idea universale di ogni credente,
legato dalla volontà al suo gregge.

O SONHO E A OBRA

Sonho da Índia foi um sonho certo;
por ele, nos criámos como Povo
que, no ventre, gerou um Mundo Novo,
na procura do Homem mais liberto.

Misturámos o sangue, num projecto
de cultura cristã, como um renovo;
obra linda, de artista bom e probo,
que teve Deus por Mestre e Arquitecto.

Príncipes, marinheiros, mercadores,
clérigos, cientistas e poetas
deram mãos para seus executores.

E a obra, assim nascida de canseiras,
inda vive na Ideia irrequieta
que nos une num Povo sem fronteiras.

IL SOGNO E L'OPERA

Il sogno dell'India è stato un sogno certo;
per lui, noi ci siamo creati come Popolo
che nel grembo, ha generato un Mondo Nuovo,
alla ricerca dell'Uomo più libero.

Abbiamo mescolato il sangue, in un progetto
di cultura cristiana, come un germoglio;
opera bella, di un artista bravo e onesto,
che ha avuto Dio come Maestro e Architetto.

Principi, marinai, mercanti,
chierici, scienziati e poeti
hanno aiutato i loro esecutori.

E l'opera, così nata da lavoracci,
ancora vive nell'Idea irrequieta
che ci unisce in un Popolo senza frontiere.

LIBERTAÇÃO

Vem se vieres por bem, libertação!
A alma não quer nenhuma mordança;
quer a luz, quer a fé, quer uma graça,
capaz de pôr o povo em comunhão!

Co'as armas não se toma o coração!
Contra a vontade, a força é sempre escassa!
O espírito resiste na desgraça
e mesmo mudo e quedo diz que não!

Canga que se não quer é mais pesada!
Vergam os corpos, sim! Mas a mente
vive no sonho lindo, embriagada!

Seiva doutras raízes! Saudade
mística, com o ocaso já presente,
no magoado olhar de cada idade!

LIBERAZIONE

Vieni se verrai per bene, liberazione!
L'anima non vuole nessun bavaglio;
vuole la luce, vuole la fede, vuole una grazia,
capace di mettere il popolo in comunione!

Con le armi non si prende il cuore!
Contro la volontà, la forza è sempre scarsa!
Lo spirito resiste nella disgrazia
e anche se muto e quieto dice di no!

Giogo che se non vuole è più pesante!
I corpi crollano, sì! Ma la mente
vive nel bel sogno, inebriata!

Linfa di altre radici! *Saudade*
mistica, con il tramonto già presente,
nello sguardo ferito di ogni età!

IMPÉRIO DA IDEIA

Império não quero, mas Ideia;
cada povo é livre e com direito
à herança que traz dentro do peito,
seja de mágoa ou seja de epopeia.

Escuridão não quero, mas candeia;
luz de dar, receber, sem ser perfeita;
uma luz, sempre luz, de qualquer jeito,
que fala em paz, amor e que incendeia

a vontade de amar e comungar,
com os olhos no azul do Céu, Além,
onde há sempre outro sonho a navegar.

Ideia, sempre Ideia universal,
saída da Palavra, que nos vem
dizer que cada Homem é igual.

IMPERO DELL'IDEA

Non voglio l'Impero ma l'Idea;
ogni popolo è libero e con il diritto
all'eredità che porta dentro al petto,
sia di dolore o di epopea.

Non voglio l'oscurità ma la candela;
luce di dare, ricevere, senza essere perfetta;
una luce, sempre luce, di ogni tipo,
che parla di pace, amore e che incendia

la volontà di amare e comunicare,
con gli occhi nell'azzurro del Cielo, Oltre,
dove c'è sempre un altro sogno da navigare.

Idea, sempre Idea universale,
uscita dalla Parola che ci viene
a dire che ogni Uomo è uguale.

ÍNDICE

Nótula	50	Olhos verdes	100
		Anda ver o mar	102
I – Prelúdio	52	Na foz do Zuari	104
A capital	54	Magia	106
A nossa voz	56	Dança do fogo	108
		Clarisse	110
		Bombaim	112
II – A terra goesa	58	V – Sinais	114
Paisagem I	60	Pedras de Velha Goa	116
Paisagem II	62	Pêro da Covilhã	118
Paisagem III	64	Viagem de Vasco da Gama	120
Paisagem IV	66	Primórdios	122
Paisagem V	68	Afonso de Albuquerque	124
Fontainhas	70	Camões I	126
Templos hindus	72	Camões II	128
		Camões III	130
III - Rostos	74	A Nau do Japão	132
O sacristão	76	Memórias	134
Encontro	78	Arco dos Vice-Reis	136
Pedinte	80	Baçaim	138
Sebastião	82	VI – Raízes	140
Ângelo Rodrigues	84	Comunhão I	142
Muçulmana I	86	Comunhão II	144
Muçulmana II	88	O sonho e a obra	146
IV – Vibrações	90	Libertação	148
A banda do Hotel Mandovi	92	Império da Ideia	150
O minério	94		
Vaquinhas	96		
Arrulho	98		

INDICE

Postilla	51	Occhi verdi	101
		Vai a vedere il mare	103
I – Preludio	53	Alla foce del Zuari	105
La capitale	55	Magia	107
La nostra voce	57	Danza del fuoco	109
		Clarisse	111
		Bombay	113
II – La terra di Goa	58	V – Segni	115
Paesaggio I	61	Pietre della Vecchia Goa	117
Paesaggio II	63	Pêro da Covilhã	119
Paesaggio III	65	Viaggio di Vasco da Gama	121
Paesaggio IV	67	Albori	123
Paesaggio V	69	Afonso de Albuquerque	125
Fontanelle	71	Camões I	127
Templi indù	73	Camões II	129
		Camões III	131
III – Volti	75	La nave del Giappone	133
Il sacrestano	77	Memorie	135
Incontro	79	Arco dei viceré	137
Mendicante	81	Baçaim	139
Sebastiano	83	VI – Radici	141
Angelo Rodrigues	85	Comunione I	143
Musulmana I	87	Comunione II	145
Musulmana II	89	Il sogno e l'opera	147
		Liberazione	149
IV – Vibrazioni	91	Impero dell'Idea	151
La banda dell'hotel Mandovi	93		
Il minerale	95		
Vacchine	97		
Mormorio	99		